

Através do Deserto

Recontado por Eesha Sardesai

Essa caravana de viajantes, eles estavam nos desertos da Pérsia, em algum lugar. Ao redor deles, um mar de areia, as ondas esculpidas em semi-permanência. Subiam e desciam, essas ondas, sem parar, seguindo um ao outro sob o céu crepuscular.

O líder do grupo era um mercador, vendedor de sedas e tapetes finos. Ele havia enfiado suas mercadorias, bem arrumadas, em cestos; amarrou tudo nas costas dos camelos; em seguida, junto com alguns de seus auxiliares, decidiu viajar em direção a mercados distantes e mais lucrativos. De dia montavam acampamento, para se abrigar do sol escaldante. De noite eles viajavam seguindo as estrelas.

Agora encontravam-se nas últimas léguas de sua longa jornada. O seu guia, um homem que haviam contratado antes de partir, lhes assegurou que eles chegariam ao mercado pela manhã. “Continuem me seguindo” disse o homem, de sua posição na dianteira do grupo, “e antes de vocês se darem conta estaremos lá”.

O céu havia se tornado bem escuro, passando de um azul-violeta sombrio, passando para azul escuro. O guia olhava fixamente para cima. Ali no deserto ele sentia que podia ver todas as estrelas. Também podia ver planetas e galáxias, um redemoinho cintilante do cosmos se erguendo do horizonte.

Ahhh, o homem suspirou contente. É como viver um sonho. O cesto balançou suavemente de um lado ao outro. Havia uma leve brisa no ar; um frescor se fazia sentir no rosto. Talvez, pensou, eu possa descansar meus olhos, só um pouquinho...

Ele apenas fechara os olhos – ou assim pensou – quando, de repente, foi sacudido para que acordasse.

— Senhor! *Senhor!* Acorde! Já é de manhã!

— *Hummm?* — disse o guia confuso. — *Queee...?*

Sentou-se esfregando os olhos; o sol ofuscava de tão brilhante. Virou a cabeça, ainda inebriado pelo sono e percebeu o mercador parado ali perto. Ele olhava o guia com uma expressão de preocupação no rosto.

— Senhor — disse o mercador. — Sabe onde estamos?

O guia olhou em volta sobressaltado. À esquerda havia areia. À direita, areia. Na frente, atrás, de todos os lados – *areia*.

Voltou-se para o mercador boquiaberto.

— Perdoe-me — murmurou. — Eu... eu não sei. Não serei capaz de saber até que as estrelas surjam novamente.

Àquela altura, o resto do grupo também se juntara em volta deles. Quando ouviram aquelas palavras do guia todos eles também se sobressaltaram.

— O que vamos fazer? — disse um homem, com voz aflita.

— Como isso é possível? — disse outro, a raiva subindo pela sua garganta.

Conforme os ânimos continuavam exaltados, o mercador permaneceu em silêncio. Mordiscou o lábio. Claro, seu coração também estava amargurado. Claro, ele também estava preocupado, confuso e com raiva.

Sobretudo, estava *pensando*. Estavam quase sem água, pois contavam chegar ao destino naquele dia. Ele precisava encontrar uma solução, e rápido.

O mercador examinou a vastidão de areia laranja-dourada ao seu redor. Espalhadas aqui e ali, havia algumas pedras. Ao longe viu alguma coisa vagamente verde – algum tipo de arbusto.

De repente, ele se deu conta.

— Ei, ei vocês! — disse. Os outros pararam de resmungar. — Venham, sigam-me, rápido! E tragam as pás que estão guardadas na caravana.

Fizeram o que ele pediu e o seguiram pela areia. Logo atingiram o local onde o cacto havia crescido.

Era uma planta considerável, vários metros de largura, e do seu lado, saindo de entre as folhas, havia uma pequena flor vermelha. Era uma rosa.

— Estão vendo isso? — disse triunfante. — Se esta flor consegue crescer aqui, isto significa que deve haver água por perto. Vamos, me dê uma pá e pegue outra para você. Vamos cavar até encontrar.

E então eles cavaram – e cavaram, e cavaram mais um pouco. Mesmo assim, não importava quão fundo eles fossem com suas pás, não importava quanta areia eles removessem, tudo que podiam ver era mais areia.

Ofegante, um dos homens finalmente, disse:

— Isso não está funcionando. Estamos cavando há horas e não há nenhuma água aqui.

O mercador parou de cavar e ergueu o olhar. Limpou a testa.

— Se há uma planta — disse ele com firmeza —, deve haver água. Apenas continue. Continue fazendo o que você está fazendo.

O homem parecia descrente, mas, mesmo assim, voltou para a sua tarefa. Eis que, alguns instantes depois – *Toc! Toc! Toc!* Sua pá bateu em algo duro.

— O que é que está fazendo esse barulho? — o homem se perguntou em voz alta. Ele começou a afastar a areia. Os outros olhavam de cima, e logo uma enorme rocha pode ser vista.

Vendo isso, o homem deixou-se cair sobre a areia.

— O que faremos agora? — se lamentou. — Todo esse trabalho para nada!

— O que você quer dizer com isso? — perguntou o mercador. — Vamos continuar, sem dúvida.

— Mas, e a rocha?! — disse o homem em tom incrédulo.

— Por que devemos parar só por causa disso? — perguntou o mercador.

O homem ficou pasmo.

— Como poderemos quebrar a rocha? — perguntou. — Essas pás não servem para isso.

— Temos outras ferramentas — disse o mercador. — Vão, todos vocês, busquem martelos na caravana.

Assim, eles saíram correndo para pegar os martelos. Quando voltaram, o mercador disse:

— Agora, usem sua força. Usem toda a sua energia, e o poder de sua vontade. Arrebentem essa rocha.

Os homens agarraram os martelos e os ergueram bem acima de suas cabeças. Em uníssono, abateram os martelos sobre a rocha.

Crrrrrraaaash. O som era ensurdecador. Mais uma vez, ergueram os martelos sobre suas cabeças e os abateram. *Crrrrrraaaash.*

E logo haviam rachaduras ziguezagueando pela rocha. E logo havia água, pequenos pingos dela, jorrando através das rachaduras. O comerciante e seus

empregados gritaram e aplaudiram. Estavam quase lá; o fim estava à vista! Cada vez mais e mais duro eles martelaram até que...

Com um último golpe hábil de martelo – um estrondo final de metal contra mineral – a rocha cedeu. Partiu-se ao meio. Subindo, subindo, subindo, a água jorrou, uma força reprimida, finalmente liberada.

Sim, pensou o mercador, quando viu a água subindo na direção do céu.

Sim, pensou, enquanto seus olhos seguiam o arco formado por aquelas gotas acima dele. Eram como cristais brilhando à luz do sol.

Nossa sede será saciada, pensou. *E agora – agora! – vamos atravessar o deserto.*

